

# ALTMAN, Cristina. **A guerra fria estruturalista**: estudos em historiografia linguística brasileira. São Paulo: Parábola, 2021. 262 p.

Ronaldo BATISTA<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i3.3338>

Como previra em 1998 Ataliba Teixeira de Castilho no prefácio do primeiro livro de Cristina Altman (professora titular da Universidade de São Paulo), a historiografia linguística (HL) no Brasil deveria reconhecer dois momentos: antes de Cristina Altman e depois de Cristina Altman.

Desde esse pioneiro trabalho de extensão em investigação historiográfica sobre os percursos da ciência da linguagem brasileira (analisada com elegância e acuidade ímpares em uma história situada entre 1968 e 1988), a HL no Brasil viu em Altman sua principal líder organizacional e intelectual.

Formada pelos maiores nomes na área (na tradição anglo-saxônica Konrad Koerner; na tradição europeia Pierre Swiggers), Altman estabeleceu seu trabalho em análises rigorosas e ao mesmo tempo envolventes em sua escrita e em suas apresentações orais em eventos científicos. De modo que falar da linguística brasileira e sua história é necessariamente falar em Cristina Altman.

Penso ser suficiente essa introdução para dar informações da autora do livro que aqui resenho; mas posso avançar um pouco mais e citar a geração de historiógrafos que ela formou na Universidade de São Paulo, a criação do Grupo de Trabalho em Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL e (por que não?) os seus impressionantes estágios de pós-doutorado realizados em lugares de excelência acadêmica e intelectual como Estados Unidos, Holanda, Alemanha, Japão. Novamente, mais sobre Cristina Altman não é preciso dizer, a não ser, ainda, o fato de que a comunidade de linguistas brasileiros (não apenas os historiógrafos da linguística, já que o seu livro de 1998, *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*, é conhecido, lido e citado em trabalhos fora de seu campo específico) ansiava por outro livro de Altman.

---

<sup>1</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie), São Paulo, São Paulo, Brasil; [robotista@mackenzie.br](mailto:robotista@mackenzie.br); <https://orcid.org/0000-0002-7216-9142>

Questão resolvida.

Saiu agora em 2021, em caprichada edição da Editora Parábola, o livro com título por si só impressionante: *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*.

O volume é uma coletânea de textos publicados por Altman em edições esparsas que agora surgem reunidos e revistos.

No livro, um dos temas preferenciais da pesquisa que caracterizou uma das vertentes de reflexão historiográfica de Altman: o estudo do estruturalismo e suas formas de inserção teórica e institucional nos centros de pesquisa e ensino em linguística no Brasil.

Essa abordagem se dá em tom original. Partindo da tese de que é possível reconhecer dois grandes eixos de influência na pesquisa linguística brasileira estruturalista (um norte-americano e outro europeu), Altman faz da expressão *guerra fria* bela metáfora para discutir rumos de uma linguística reconhecidamente de recepção em meio a complexos processos de formação de grupos de especialidade teórica e de institucionalização de programas de investigação científica. A justificativa de sua escolha está numa concepção ampliada de ciência, que considera o lado humano da prática científica:

Em um mundo globalizado, talvez pareça estranho pensar em divisões geopolíticas do conhecimento, sobretudo quando grande parte da linguística do século XX se desenvolveu como uma ciência abstrata, formalizada, aparentemente desengajada da sua realidade social e histórica. Mas as ciências não acontecem em um vácuo, nem brotam por geração espontânea. (ALTMAN, 2021, p. 9).

Interessante notar que mesmo com a ressalva de Altman de divisões que poderiam parecer anacrônicas em polos tão delimitados como eram os da guerra fria política entre EUA e URSS, a metáfora não é isolada no contexto intelectual contemporâneo. Em manchete da seção Internacional, o jornal *O Estado de S.Paulo* de 22/09/2021 na página A12 assim anunciava: “Em estreia na ONU, Biden rejeita nova ‘Guerra Fria’, mas envia recados à China”. Altman não está numa perspectiva estranha como ela parece julgar na apresentação de sua hipótese de trabalho.

O livro de 262 páginas está dividido em apresentação, introdução, três partes com conjuntos de textos que de certo modo dialogam entre si (ainda que não necessariamente) e uma espécie de anexo que configura uma quarta parte que é uma crônica de produção linguística brasileira que refletiu essencialmente sobre a própria linguística.

- | A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira (resenha)

As duas seções iniciais seguem o que a rigor os seus gêneros demandam: a) “Apresentação” (p. 9-10): na qual Altman apresenta sua tese central que é o eixo unificador dos textos do volume, que segundo a autora podem ser lidos independentemente ainda que haja uma ordenação lógica visível aos leitores; b) “Introdução: a guerra fria estruturalista” (p. 11-18): dados e informações mais gerais sobre o movimento intelectual estruturalista na linguística são apresentados, tanto os relativos a uma esfera norte-americana, quanto os relativos a uma esfera europeia de atuação e influência.

Na sequência, os leitores encontram a “Parte I: Questões gerais em historiografia linguística brasileira” (p. 19-68). Nessa seção, Altman recupera uma apresentação geral do campo da HL, em tom didático, no texto “História, estórias e historiografia da linguística brasileira” (p. 19-36), em que são apresentados conceitos clássicos da área como a seleção de fontes, a distinção entre narratividade e crônica, o alcance científico da perspectiva historiográfica em linguística. Refletir sobre como linguistas fazem o retorno histórico sobre sua própria área de atuação é o eixo implícito que define o tema do texto “Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três cursos de linguística geral” (p. 37-46), no qual recupera-se parte das apresentações de Saussure nos seus famosos cursos de linguística geral, em especial a retomada histórica do pensamento linguístico. Em “Filologia e Linguística outra vez” (p. 47-68), Altman retoma um tema presente em suas pesquisas historiográficas desde o livro de 1998: o embate entre filólogos e linguistas quando da institucionalização da pesquisa e ensino em ciência da linguagem no Brasil.

A partir da “Parte II: A conexão americana” (p. 69-156), a mais extensa do livro, Altman inicia de fato sua interpretação da linguística brasileira a partir de dois eixos de influência. Nessa perspectiva, é exemplar o texto “As chamadas esferas de influência em pesquisa linguística no Brasil (1940-1960)” (p. 71-92). Em minha opinião, esse texto é o núcleo do livro, pois nele estão as questões fundamentais da hipótese de Altman que serão desdobradas nos outros capítulos do livro. Além de que o texto é um grande exemplar de interpretação historiográfica, em que são entrelaçados parâmetros internos e parâmetros externos dos procedimentos metodológicos em HL com perfeição. Os EUA como esfera de influência para a implantação e o desenvolvimento da pesquisa e do ensino em linguística no Brasil é tema retomado nos outros textos da Parte II: “Mattoso Camara e o Círculo Linguístico de Nova York (1942-1943)” (p. 93-112); “A correspondência Jakobson-Mattoso Camara (1945-1968)” (p. 113-156). Nos dois textos, a figura de Mattoso é recuperada historicamente em sua importância para a linguística brasileira (e latino-americana) do século XX, e a apresentação de reprodução de documentos originais torna a leitura muito mais interessante, uma vez que podemos nos aproximar de certo modo dos pensamentos de Mattoso e de Jakobson, outra figura fundamental para a linguística do século XX.

O diálogo com uma influência europeia é revisto na “Parte III: A conexão europeia” (p. 157-196). A presença de uma influência de Saussure e sua inovadora linguística é discutida no embate entre filólogos e linguistas brasileiros e seus grupos de especialidade em “Saussure e o (des)encontro de duas gerações acadêmicas no Brasil” (p. 159-176). Tanto nesse último texto como em “Eugenio Coseriu: entre a filologia e a linguística brasileiras (1950-1963)” (p. 177-188), Altman volta a discutir a relação tensa que se configurou no Brasil entre filólogos e linguistas, agora recuperando historicamente o nome fundamental de Coseriu para linguística latino-americana. Em “Eternos gramáticos: algumas considerações sobre norma e prescrição na descrição linguística” (p. 189-196), uma breve reflexão é estabelecida sobre a gramaticografia.

Antes de uma útil (para consulta) lista de “Referências bibliográficas” (p. 243-258, extensa como manda a boa tradição historiográfica) e de um bem-vindo “Índice onomástico” (p. 259-262), Altman apresenta uma “Crônica da produção linguística brasileira (1900-2000)” (p. 199-242), na qual elenca uma série de títulos (e suas conexões) que refletiram, cada um a sua maneira, sobre a pesquisa e o ensino em linguística e língua no Brasil. Essa contribuição é fundamental, uma vez que, como já apontou Altman em outras ocasiões, a boa crônica nunca deve ser relegada a segundo plano pelo historiógrafo, desde que este saiba das limitações e especificidades do gênero.

Os leitores vão com certeza ler de uma sentada só o trabalho de Altman. Não só pela série de instigantes temas que ela recupera e interpreta à luz da historiografia linguística, como também pela limpidez e elegância do estilo da escrita.

A nós, seus leitores, cabe apenas fazer um pedido a ela e à Editora Parábola: uma boa reedição do clássico de 1998 (*A pesquisa linguística no Brasil [1968-1988]*) e uma nova coletânea com textos do outro eixo de pesquisa privilegiado por Altman em seus mais de trinta anos de carreira, aqueles que se dedicaram ao estudo da tradição da linguística missionária.

---

COMO CITAR ESTA RESENHA: BATISTA, Ronaldo. Resenha de ALTMAN, Cristina. **A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira.** *Revista do GEL*, v. 18, n. 3, p. 404-407, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 23/09/2021 | Aceito em: 23/10/2021.

---